

Êxodo 15,1-18: o cântico de libertação

Vitor César Zille Noronha¹

Resumo: O artigo oferece uma exegese de Êxodo 15,1-18, o cântico de vitória de Israel após a travessia do Mar Vermelho. A análise se concentra no «Cântico do Mar», uma peça poética e litúrgica que exalta a soberania de YHWH como guerreiro e libertador. O estudo destaca dois blocos principais: o primeiro (Êx 15,1-12) narra a ação de Deus contra o faraó, enquanto o segundo (Êx 15,13-18) aborda o goelato, no qual YHWH resgata Israel, configurando a libertação como um ato teológico e jurídico que legitima a posse da terra prometida. Argumenta-se que o termo «gaal» revela não apenas o resgate legal do povo, mas também sua adoção como nação eleita. Propõe-se conectar o texto com a liturgia pascal, percebendo assim que o evento exodal ultrapassa a história e se torna um paradigma contínuo da fé, não só judaica, como também cristã. Na conclusão, busca-se atualizar a relevância do êxodo para a contemporaneidade, discutindo questões de opressão e libertação, sugerindo que o resgate divino continua sendo uma promessa viva para os que enfrentam escravidões modernas.

Palavras-chave: Cântico do Mar. Êxodo. Goelato. Opressão. Libertação.

INTRODUÇÃO

No âmbito de ambos os Testamentos da Escritura judaico-cristã o êxodo ocupa lugar de destaque. É notável que o evento exodal ainda é central para a experiência de fé do atual religioso judeu, pois

“vede nell’uscita dall’Egitto l’avvenimento decisivo che fonda la sua storia e la sua fede; perché avvenimento fondante, la liturgia vi rin-
via ogniqualevolta ocorra, mediante um rirtorno al passato, refforzare
convizioni messe in crisi dalle difficoltà del presente” (MONLOU-
BOU; BUIT, 1987, p. 349).

Evidentemente, no âmbito cristão, nada pode ocupar o lugar central senão a Páscoa de Cristo Jesus. Não obstante, esta está referida, enquanto chave-hermenêutica, também na experiência exodal, mesmo que vá para além dela. Isso fica evidente na Celebração da Vigília Pascal, solenidade litúrgica maior onde se proclama a Ressurreição de Jesus, na qual uma das leituras obrigatórias é justamente o relato do êxodo (Ex 14,15-15,1) seguido do hino do *Cântico do Mar* (Ex 15), texto este que nos dedicaremos no presente trabalho.

1 Doutorando Teologia FAJE, bolsista CAPES. E-mail: vitor.zille.noronha@gmail.com

1 TRADUÇÃO LITERAL²

¹Então Moisés e os filhos de Israel cantaram este cântico ao Senhor, e disseram: cantarei ao Senhor, pois ele certamente foi exaltado, cavalo e cavaleiro ele atirou dentro do mar.

²Minha força e proteção é Yah, ele se tornou a minha salvação. Este é o meu Deus, e eu o glorificarei, o Deus dos meus pais, e eu o exaltarei.

³O Senhor é homem de guerra, o Senhor é o seu nome.

⁴As carruagens de Faraó e as forças armadas ele lançou no mar, todos os oficiais de Faraó - os seus melhores - afogaram-se no Mar Vermelho.

⁵(O) abismo os cobriu, eles desceram às profundezas como uma pedra.

⁶(Com) tua mão direita, ó Senhor, temida pelo seu poder, (com) tua mão direita, ó Senhor, tu despedaças (teu) inimigo.

⁷Na grandeza da tua exaltação, derrubaste os seus malfeitores; tu envias tua fúria; ela os consome como palha.

⁸E pelo fôlego das tuas narinas as águas se acumularam, (os) ribeiros se encheram como um monte, (a) profundidade subiu no coração do mar.

⁹(O) inimigo disse: Eu possuirei, alcançarei, dividirei os espólios, meu apetite será saciado, brandirei minha espada, minha mão os conduz à ruína.

¹⁰Tu sopraste com teu fôlego, (o) mar os cobriu, eles afundaram como chumbo em águas majestosas.

¹¹Quem é como tu dentre os deuses, ó Senhor, quem é como tu, glorioso em santidade, admirável em louvor, operador de maravilhas?

¹²Tu estendeste a tua mão direita, (a) terra os engoliu.

¹³Tu conduziste em bondade o povo que redimiste, tu (os) guiaste com tua força à santa habitação.

¹⁴Povos ouviram, eles tremeram, angústia tomou os governantes da Filístia.

¹⁵Então os touros de Edom desmaiaram; quanto aos carneiros de Moabe, o tremor o assaltou. Todos os governantes cananeus se dissolveram. Até que o teu povo atravessou, ó Senhor, até que esse povo que compraste/criaste atravessou.

¹⁶Caiu sobre eles terror e medo, por causa da grandeza do teu braço eles emudeceram como uma pedra,

2 Texto do Livro do Êxodo 15,1-18, segundo a tradução literal de Victor Hamilton (2018, p. 333-334).

¹⁷Tu que os trouxeste e os plantaste no teu próprio monte, o lugar da tua residência permanente, que tu fizeste, ó, Senhor. (O) santuário, ó, Senhor, tuas mãos firmemente fundaram.

¹⁸O Senhor é rei para todo o sempre.

2 DELIMITAÇÃO E LOCALIZAÇÃO LITERÁRIA

Assim tradicionalmente se divide no Livro dos Êxodo, segundo um grande número de autores: “il lamento nazionale di Israele (cc. 1-4), l’epopea della liberazione (cc. 5-15), la crisi del deserto (cc. 16-18), la prima alleanza al Sinai (cc. 19-24) e la seconda (cc. 32-34), la prima legislazione cultica (cc. 25-31) e la seconda (cc. 35-40)” (ROSSANO; RAVASI; GIRALDA, 1991, p. 509). Portanto, a nossa perícope, Ex 15,1-18, encontra-se inserida na chamada *Epopéia da Libertação*, na qual o êxodo é transmitido narrativamente, poeticamente e teologicamente.

A perícope Ex 15,1-18 pode ser destacada da anterior e da posterior devido ao gênero literário, geografia e estado. Em primeiro lugar, fica evidente uma mudança abrupta de ordem literária, até o final do capítulo 14 o texto segue em prosa, há uma pequena introdução em Ex 15,1a – “Então Moisés e os filhos de Israel cantaram este cântico ao Senhor, e disseram” – e em seguida inicia-se o poema, que pode ser visto como um hino ou uma litania. Inicia-se novamente a narração, mudando uma vez mais o gênero literário em Ex 15,19, demonstrando o início da perícope seguinte. Sobre isso, nos diz Alviero Niccacci: “Il Canto del mare finisce in 15,18; 15,19 riprende 14,23 e introduce il canto di Miriam e delle donne. Questa introduzione è parallela a quella del canto di Misè e degli Israeliti uomini (14,23-15,1) (NICCACCI, 2009, p. 12)”.

Por fim, demarcando a mudança de perícope, há uma mudança geográfica e de estado. Isto é, até o capítulo 14 os israelitas estavam passando de Etam ao mar dos Juncos (14,1-4), os egípcios os estavam perseguindo (14,5-14) e nisso presenciaram o milagre do mar (14,15-31) durante a passagem. Assim, estavam em lugares determinados e em movimento. Enquanto que, a partir de 15,1ss observa-se que já estavam estacionados e para além de travessia. Portanto, há também uma distinção geográfica, do Egito e do Mar para o além das margens, e de estado, de movimento para o estacionamento, onde se canta.

3 ANÁLISE LITERÁRIA E TEOLÓGICA

Em primeiro lugar, a datação do texto do *Cântico do Mar* é algo difícil de ser precisado e bastante controverso entre os exegetas. Victor Hamilton, descreve assim a referida problemática:

No caso de Êxodo 15, a posição sobre sua data abrange um espectro que vai de uma data muito antiga até datas recentes. Os proponentes de uma data mais recente da composição são claramente um gru-

po minoritário[...]. A posição majoritária é que Êxodo 15 não é o poema mais antigo na Bíblia hebraica, mas um dos mais velhos. Sua composição se deu no século 12 a.C. ou no início do século 11 a.C. (por exemplo, D. Robertson 1972; B. Russell 2007:59-148). No meio desses dois extremos da datação do poema estão os que assumem uma posição intermediária, colocando a composição no tempo de Davi ou Salomão (século 10º a.C.) (HAMILTON, 2018, p. 345).

Há um consenso bastante consolidado de que a atribuição do poema a Moisés ou a seus contemporâneos se trata de um pseudoepígrafo. Não obstante, não é totalmente descartável a tese de que alguns trechos podem ter vindo deles. O que parece mais claro é que a composição do texto é longuíssima. Por exemplo, Pixley chega a comentar duas hipóteses, a primeira, sustentada por Coross e Fridman, argumenta que a utilização de vocabulário arcaico, O uso de formas antiquadas dos verbos e uma ortografia pré-clássica, nos dá indícios de não pode ser posterior ao século X. Não obstante, também traz à baila a posição de Watts, na qual identifica um núcleo básico pré-monárquico, que teria se ampliado nos primeiro tempos da monarquia e alcançado a forma atual no século VII, no qual foi atribuído a Moisés e submetido por causa disso a algumas mudanças (PIXLEY, 1987, 110-111). Não obstante, como se trata de um texto sacerdotal, na qual aparece o goelato (Ex 15,13), é provável que a redação final tenha sido no período pós-exílio, possivelmente durante a dominação Persa, em torno dos séculos V e IV. Tendo tudo isso dito, é seguro afirmar que a composição do *Cântico do Mar* foi longo e obra de várias gerações.

Os capítulos 14 e 15 do Êxodo seguramente estão relacionados, no sentido temático. Mas, há entre eles diferenças importantes, que nos ajudam a compreender o contexto literário. Por exemplo, ambos falam do Mar Vermelho, que “è in ebaico il ‘Mar delle Cane’”³ (ROSSANO; RAVASI; GIRALDA, 1991, p. 511), como aparece em outras traduções. Tanto na fonte javista como na sacerdotal, ele aparece como última fronteira da liberdade da escravidão, configurando-se verdadeiro sepulcro de água no qual se depõe o corpo da antiga Israel e no qual ressurge a nova Israel, resgatada por Deus. Inclusive, essa teologia exodal será a base da teologia neotestamentária do Batismo. A fonte Javista (por exemplo, presente em 13,20-22; 14,5-7.10-14.24.27-31) descreve narrativamente o evento como travessia do mar pelos israelitas e a derrota dos egípcios como uma iniciativa de Deus. O relato tem por finalidade explicitar a ação de Deus de tirar o seu povo da terra onde ele era escravo. Assim, “Lo J describe il passagio come una possibilità offerta ad Israele a causa di um forte vento che, soffiando per un’intera notte, prosciuga il mare (14,21). Questo vento asciutto provoca miraggi d’acqua” (ROSSANO; RAVASI; GIRALDA, 1991, p. 511). Então, Israel passa e os egípcios são engolidos pelas águas.

A fonte sacerdotal, no entanto, como temos no capítulo 15, “abandona ogni interesse storico e si affida a una scenografia spettacolare e ‘miracolosa’” (ROSSANO; RAVASI; GIRALDA, 1991, p. 511). Assim, o que há no *Canto do Mar* é uma celebração em forma de

3 Ou, ainda, “mar dos Juncos” (Ex 15,4), como se encontra na tradução proposta pela Bíblia de Jerusalém.

hino, no qual YHWH é, simultaneamente, comandante e aquele que combate ao lado de Israel. Trata-se de um poema épico de exaltação pictórica da libertação operada por Deus. O seu centro está na figura onipotente de YHWH, enquanto guerreiro, libertador e supremo dominador do universo (Ex 15,1-12). Em seguida, o hino canta a totalidade da epopeia do êxodo (Ex, 15,13-18), até o ingresso na terra prometida, tendo como cume o santuário (Ex 15,17) e a aclamação litúrgica final do reinado soberano do Senhor para todo o sempre (Ex 15,18).

É interessante notar que o *Cântico do Mar* não tem a pretensão de adicionar informações, ao que parece é que tudo já havia sido narrado no capítulo anterior. Não obstante, pretende expressar a gratidão de Israel pela experiência da libertação, assim “o estilo épico permitiu ao autor ir ao futuro e tornar ao passado sem sacrificar a relação com as situações históricas concretas” (CHILDS, 1974, p. 249). Deus é o centro absoluto do texto, tanto que Israel é mencionado de modo apenas marginal, no início da perícopes posterior (Ex 15,19) e nem mesmo Moisés aparece no poema em si mesmo, somente na introdução que o precede (Ex 15,1). Devido a isso, o texto normalmente é entendido como uma construção que pretende alimentar a liturgia da Páscoa e dar sentido à história passada de Israel. Assim, “mostraria Deus, no plano da história dos fatos, numa luta frontal com o faraó do Egito e, no plano cósmico e teológico, numa luta contra as forças do mal e de caos” (ANDIÑACH, 2010, p. 204). O poema canta a vitória de Deus contra o faraó, mas nessa história passada celebra a soberania universal de Deus contra o mal e seus inimigos, que tem caráter presente, mas também futuro enquanto promessa.

Tendo dito o que precede, agora nos aproximaremos cada vez mais da análise exegética das funções do goleato (Ex 15,13), presente no hino analisado. Enquanto que na sua primeira parte (Ex 15,1-12), YHWH aparece fundamentalmente como guerreiro que derrota o Faraó, o foco da segunda parte (Ex 15,13-18) está no povo que YHWH adquiriu para si por meio de sua vitória. Assim, o goleato, que vem à baila explicitamente em 15,13, tem uma função de espécie de chave hermenêutica para a compreensão do texto. O ato de comprar/redimir o povo pela parte de YHWH justifica a conquista da terra e a derrota aos chefes de Canaã, o que se manifesta no medo que YHWH lhes impôs. Sobre o sentido de *gaal* no texto, nos diz Pixley:

“Redenção” é termo tomado do âmbito legal, onde se refere ao resgate de escravo mediante pagamento em dinheiro (Ex 21,1-11; Dt 15,12-18). Por extensão aplica-se também à propriedade hipotecada (Lv 25). Já este cântico usa o termo metaforicamente, ao falar do resgate dos escravos do Egito, uso que vem a ser comum (Ex 6,6; Sl 77,16; Is 52,9) (PIXLEY, 1987, p. 113)

É necessário reconhecer, portanto, que a raiz *gaal* contribui para entender a experiência exodal como evento paradigmático de fé no Antigo Testamento, tal como também ocorre, por exemplo, em Ex 6,2-8, na confirmação da missão dada a Moisés. Neste texto, em sintonia semântica com Ex 15,13-18, o canto da vitória após a travessia do mar, também está presente

o prisma jurídico (teológico-ético), firmamento das promessas de Deus feitas aos patriarcas. Assim, tal perspectiva, que une as dimensões sociopolítica e religiosa, favorece a interpretação do Êxodo dentro do desígnio salvífico de Deus (SILVANO, 2018, p. 129). Portanto, a perícopes Ex 6,2-8 tem ligação semântica importante com o *Cântico do Mar*, pois nela se dá claramente o vínculo entre tradição patriarcal e saída do Egito. Ambas correlacionam permanência no deserto e entrada na terra, o que fundamenta a identidade de Israel, fazendo-o família de Deus no pastoreio de YHWH (Gn 48,15). Ato salvífico que se desdobra em dois momentos, articulados organicamente, libertação do Egito e resgate dos israelitas escravizados.

A ocorrência do *gaal* no Cântico do Mar é precedida de uma pergunta retórica (ou duas, segundo outras traduções), em Ex 15,11, na qual se estabelece a superioridade de YHWH em relação aos outros deuses. Mesmo que o autor proponha que o leitor reconheça e adore somente YHWH, fica claro, porém, que a existência de outros deuses é pressuposta no texto (monolatria). Por isso, há indícios desse trecho ter origem anterior ao período pós-exílico, quando o monoteísmo estrito era claro na fé de Israel. Assim, nessa perspectiva ainda monolátrica, se reconhece que cada povo tenha um deus e há um pressuposto comum no oriente antigo de que cada um desses deuses tenha um poder correspondente ao que cada povo possuía no certame histórico. Portanto, um deus que era forte fazia do seu povo forte e, por consequência, esse povo forte submetia (ou escravizava) povos fracos, que por sua vez também tinham deuses fracos. Não obstante, e aqui há uma especificidade da fé judaica, a atribuição de deuses poderosos a povos poderosos é questionada pela experiência histórica de Israel. Isto é, “Os israelitas sabem que, mesmo sendo escravos e pobres, seu Deus é mais poderoso do que o Deus que os oprime. Sabem que seu Deus os redimiou (hebraico *ga'al*, que significa ‘redimir’ e ‘resgatar’)” (ANDIÑACH, 2010, p. 207-208). Portanto, pela sua experiência sabem que a escravidão é estranha à vontade de Deus e que o poder de Deus não é medido pela força do seu povo, seu poder, armas, “cavalo e cavaleiro” (Ex 15,1), pois tudo isso foi engolido pelo mar. Mas, ao contrário, o poder de Deus está na sua sensibilidade para ouvir o calor dos oprimidos, de descer para libertá-los, para resgatá-los como filhos.

Especificamente em Ex 15,13, o texto nos diz que Deus, por meio de sua “bondade” (ou benevolência), “redimiou” (ou resgatou) o povo e o guiou para “santa habitação” (ou pastagem sagrada). Aqui se ressalta a imagem de Deus como pastor de Israel (cf. Sl 77,15-21 e Is 63,11-12). Sobre o termo “habitação” (ou morada), que tem importância significativa no versículo, Silvano destaca três acepções possíveis: “a) ser o santuário no período da peregrinação no deserto e referir-se ao monte Sinai; b) ser o templo de Jerusalém (2Sm 15,25); ou c) ser toda a terra de Israel (Jr 25,30; Ex 15,17)” (SILVANO, 2018, p. 145). Assim, ainda de acordo com a autora, existe uma relação entre essas três interpretações, já que “a terra é santa, o santuário e o templo são santos e o povo, na travessia do deserto, foi purificado e assim tornou-se um povo santo e resgatado” (SILVANO, 2018, p. 145). Aqui fica patente a relação inequívoca, observada também em outras perícopes onde aparece a partícula *gaal*, entre o resgate feito por YHWH, o dom da terra dado por YHWH e a intervenção salvífica/libertadora de YHWH.

No hino fica patente a soberania de YHWH, especialmente em Ex 15,14-16, que vai ser ainda mais enfatizada no título “rei”⁴, em Ex 15,18. Sua soberania produz o medo nas demais nações. O povo que pelo Senhor foi “comprado” (Ex 15,16), também o foi “redimido” (Ex 15,13), tais ações estão relacionadas entre si, tal como em Levítico 25 e Rute, pois nesses atos Deus ao mesmo tempo adota e destina ao povo a sua herança. Assim, a noção de realeza e soberania de Deus são fundamentais para entender como se dá concretamente o resgate no Cântico do Mar:

O v. 18 explicita a realeza perpétua de YHWH. Se considerarmos todo o cântico descrito em Ex 15, verifica-se desde a noção de Deus-rei como aquele que age contra os adversários internos e externos (rei-guerreiro) de seu povo, até o domínio régio divino vinculado ao restabelecimento da ordem cósmica (rei-criador) e social, ao resgatar seu povo da escravidão. A realeza de YHWH, nos textos bíblicos, une-se às suas manifestações salvíficas (defesa contra os adversários externos); ao controle das forças hostis; à sua santidade (v. 11) e à sua ação na criação (vv. 4.8.12). Ao proclamar a realeza de YHWH, o texto anuncia a inconsistência do agir dos opressores (v. 4) e dos “deuses” (v. 11). Alude também à necessidade do reconhecimento de sua soberania na história, não somente sobre Israel, mas sobre todas as nações e em todos os âmbitos (religioso, político, social) e, ao mesmo tempo, gera a expectativa de sua realeza para sempre (SILVANO, 2018, p. 146).

Fica patente a soberania de Deus, estabelecida na consolidada noção de que YHWH é rei. Não obstante, a noção do tipo de realeza de Deus passa por metamorfoses, que se incorporam mutuamente. Inicialmente YHWH é visto como um rei-guerreiro, capaz de defender Israel dos inimigos. Em seguida, foi somada uma visão de YHWH como rei-juiz, aquele capaz de promover o direito e a justiça. Na sua santidade aqui está presente também uma função ético-jurídica na qual o direito dos oprimidos fosse resguardado. O último passo, já presente em Ex 15, está a noção de YHWH como rei-criador, a noção de que sua realeza se exprime no ato de criar e no de resgatar. Portanto, YHWH garante não somente a proteção e o direito dos oprimidos, mas também a estabilidade cósmica, a defesa contra o caos (Ex 15,18), quando a ordem estabelecida no início do seu projeto criador for corrompida, ela sempre por ele também é restaurada. Assim, goelato e aliança estão entrelaçados, pois aqui o resgate é garantidor da aliança. Na medida em que a aliança é mantida enquanto matrimônio unilateral, resgatada por meio da benevolência incondicionada e gratuita de Deus, que assim

4 Silvano apresenta três instâncias (guerreiro, juiz e rei) relacionadas à evolução da noção de realeza em Israel, de algum modo todas elas presentes em Ex 15,1-18: “No primeiro momento o rei era visto como o guerreiro que agia contra os adversários internos e externos de seu povo. Num segundo, passa a ser visto como aquele que iria restabelecer a ordem social, ética e jurídica (rei-juiz). Por fim, o rei é aquele que restabelecerá a ordem cósmica e é concebida uma realeza universal (rei-criador). Dessa forma, a noção de ação salvífica de Deus-rei também assumiu essas conotações (cf. 1Sm 17,47; Js 33,22; 37,20; 45,8 e 51,5)” (SILVANO, 2018, p.38).

reestabelece sempre a aliança, adotando o povo desposado como seu e garantindo a ele uma herança.

4 ATUALIZAÇÃO HERMENÊUTICA

A consciência da experiência exodal ainda é bastante útil para o povo de Deus hoje, isso porque deixa viva a certeza de que podemos contar com a solidariedade de Deus nas lutas presentes, tal como Ele se fez presente nas do passado. Isto é, “La fede acquisita grazie all’esperienza della liberazione dall’Egitto diventa la base solida su cui fonda la fede nell’assistenza futura da parte di Dio” (NICCACCI, 2009, p. 24). Tal fé inspira ainda de modo mais potente quando é compreendida sob o prisma do goelato, quando se percebe o próprio Deus como “resgatador” e se entende assim de que tipo é a sua ação redentora, a realidade da adoção do povo por parte de Deus é experimentada de modo mais autêntico. Nesse sentido, a tradição sacerdotal é de grande valia, pois é nela que a experiência exodal é ação salvífica de Deus como resgate. Assim, é no resgate da escravidão que se é adotado, nisso Deus nos adota como povo e garante que nos lega a sua herança. Fomos comprados, conosco Ele estabeleceu uma relação gratuita, unilateral, imerecida de nossa parte. Um matrimônio, uma aliança, que jamais serão rompidos. Do ponto de vista jurídico, nos tornamos sua propriedade. Mas, tal ato não se dá sem afeto, sem amor, sem proximidade. Ao contrário, quando o compreendemos como parente próximo, e assim também o podemos ver como Pai, podemos entender que inoperância e indiferença não poderiam comportar na sua natureza solidária. Por isso, invocando o instituto do goelato, mas no qual o próprio Deus é o parente próximo, ele nos resgata da escravidão. Fazendo de nós não somente propriedade, mas filhos. Essa consciência nos lega uma fé que nenhuma opressão deve nos submeter, nos escravizar. E que quando isso ocorre, o mesmo Deus vem ao nosso auxílio para nos resgatar, pois Ele é o parente próximo que não nos abandona.

O povo hoje ainda vive submetido a opressões. Em alguns lugares, a situação é tão grave que se recorre explicitamente à expressão *escravidão*. Por exemplo, de acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego somente no ano de 2023 foram resgatadas 523 pessoas vítimas do chamado trabalho análogo à escravidão no Brasil (BOND, 2023). É absolutamente razoável, infelizmente, pensar que esse número é infinitamente maior, tendo em vista o grau de invisibilidade vivido por essas populações vulnerabilizadas. De modo ainda bastante grave, cerca de metade da população economicamente ativa no Brasil hoje é desempregada, informal ou desalentada. A fome e a insegurança alimentar ainda atingem a muitos. Além disso, há um grande contingente de sem-teto e sem-terra, num país de tantas terras e tantas riquezas. Tais clamores, que ainda continuam subir a Deus, foram bem sintetizados pelo Papa Francisco no discurso aos participantes do I Encontro Mundial dos Movimentos Populares com o Papa na tríade: terra, trabalho e teto (FRANCISCO, 2014). Os três T’s que simbolizam todas as lutas e aspirações de uma vida com dignidade. Lutas do povo, mas travadas também por Deus, como nos ensina a experiência exodal, pois ele é nosso parente próximo e virá nos resgatar.

Enquanto os poderosos confiam nas armas, “cavalo e cavaleiro ele [YHWH] atirou dentro do mar” (Ex 15,1). Isto é, submete e está acima de qualquer poder bélico, o faz afundar. De modo especial, submete “todos os oficiais de Faraó - os seus melhores - afogaram-se” (Ex 15,4). Portanto, aqui observamos que a ira de Deus cairá especialmente sobre a elite dos opressores, como acometeu contra os melhores oficiais do Faraó. A celebração de vitória no Cântico do Mar comunica que a “terra os engoliu” (Ex 15,12), fazendo paralelismo com o afogamento que produziu a morte de Datã e Abiram, em Nm 16,31-33. Fica evidente que Deus aqui aparece como guerreiro que luta ao lado do seu povo, contra os opressores, de ontem – o Faraó e suas elites – e, podemos concluir, de hoje – tantos faraós e tantas elites. O texto fala das elites de ontem, o que nos ajuda a pensar sobre as elites de hoje, que também sustentam sistemas de escravidão/opressão:

Nos vv. 14-15 preferiríamos a tradução “os governantes (*yoseve*) da Filistéia”, “os chefes (*alufe*) de Edom, e “os nobres (*ele*) de Moab”, e “os governantes (*yoseve*) de Canaã”, que todos foram atingidos pelo temor. [...] A guerra de Iahweh em Canaã era luta contra os dirigentes das sociedades desta terra, e não contra suas populações. Era, diríamos hoje, luta de classes. Nas sociedades tributárias, como já vimos, a classe dominante era o Estado, o rei e o seu aparato estatal, que exploravam as aldeias camponesas através de tributos em espécie e de trabalhos forçados. Contra esta classe dominante combate Iahweh guerreiro (PIXLEY, 1987, p. 113).

CONCLUSÃO

Assim, nossa fé deve ser tão forte, como era a do povo na experiência exodal, nossa confiança em Deus tão inabalável, que também nossos inimigos hoje, a elite que sustenta a opressão, deve tremer de medo. Até para que assim, o que é muito preferível e mais dado ao momento histórico de hoje (especialmente pós-Cristo), as mudanças necessárias ocorram por meios não-violentos. Não obstante, a organização popular, mobilizada pela sua fé em Deus, faz estremecer os poderosos e é ainda absolutamente fundamental. Se a proclamação de YHWH como rei (Ex 15,18) foi importante para a ideologia revolucionária dos camponeses de Israel, chegando ao ponto até de em certas ocasiões rejeitar instalar reis humanos (Jr 8,22-23), hoje ainda pode ser para nós importante na medida que não deixemos fazer reis/faraós/opressores neste mundo, mas reconhecemo-nos como propriedade, filhos, pastoreados, resgatados, criados, redimidos e guardados pelo único rei, YHWH. Isso, portanto, nos impõe um regime de fraternidade, já que fomos todos resgatados, adotados e destinados a usufruir da herança, sendo usurpação qualquer acumulação desmedida e dominação sobre um irmão.

REFERÊNCIAS

ANDIÑACH, Pablo. *O livro do Êxodo: Um comentário exefético-teológico*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2010.

BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CHILDS, B. *The book of Exodus*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1974.

FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco aos participantes do Encontro Mundial dos Movimentos Populares*. Roma, 2014, 28/10/2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html. Acessado em: 16/02/2024.

HAMILTON, Victor P. *Comentário do Antigo Testamento: Êxodo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

HIRSCH, Samson. *Torá interpretada* – Volume 2: Êxodo. São Paulo: Sêfer, 2021.

BOND, Letycla. Em 2023, 523 vítimas de trabalho análogo à escravidão foram resgatadas: Informação foi divulgada pelo Ministério do Trabalho e Emprego. *Agência Brasil*, São Paulo, 07/03/2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-03/em-2023-523-vitimas-de-trabalho-analogo-escravidao-foram-resgatadas>. Acessado em: 16/02/2024.

MACKENZIE, Jonhn. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MONLOUBOU, L.; BUIT, F.M. *Dizionario Bilico: Storico/Critico*. Roma: Edizioni Borla, 1987.

NICCACCI, Alviero. Esodo 15: esame letterario, composizione, interpretazione. *Liber Annuus*, Roma, 59 (2009), p. 9-26.

PIXLEY, George. Êxodo. São Paulo: Paulinas, 1987.

ROSSANO, Pietro; RAVASI, Gianfranco; Giralda, Antonio. *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*. Milão: Edizioni Paoline, 1991.

SILVANO, Zuleica Aparecida. “G’L” como chave hermenêutica para “redenção” na carta aos Gálatas em diálogo com “Textes messianiques” de Emmanuel Levinas. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Belo Horizonte, 2018.